

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Jornal de Brasília Class.: 724

Data 03/09/93 Pg.: _____

Nova evangelização

EDITE FAIAL

Ensinar-me a louvar os conquistadores dos séculos XV e XVI e, confesso, na minha imaginação, via-os, sobretudo, como navegantes extraordinários "Que entre gente remota edificaram/ Novo Reino que tanto sublimaram" (Os Lusíadas, Canto Primeiro).

Para mim, a Escola de Sagres, o promontório sagrado, onde se reuniu o que havia de mais avançado, na época, para permitir aos modernos herdeiros dos druidas cruzar os mares, podia contar-me estórias sem fim. Ali, na academia do Infante Dom Henrique, instruíram-se os navegantes que, providos de instrumentos os mais aperfeiçoados de então — a bússola, o astrolábio, o quadrante, as cartas náuticas — e regras de astrologia e geografia, conseguiram desvendar o Mar Tenebroso. Um infinito de águas que, através dos tempos, a fantasia dos homens havia povoado de lendas diversas. Mas, quando o Infante fundou a sua Escola, era o espírito da Renascença que norteava a sua obra: a ânsia de saber, de conhecer o mundo e os seus segredos.

Cresci ouvindo falar dos descobrimentos e aprendi que era preciso dilatar a fé e o império. Outras razões, sem dúvida, motivaram a grande expansão colonialista não eram objeto de reflexões mais profundas.

Mais tarde, o cinema americano mostrou-me a epopéia da conquista do oeste onde tudo era lícito em nome da supremacia do homem branco. Caravanas atacadas pelos peles-vermelhas e a inoponência, a pureza de atitudes, enfim, o heroísmo inquestionável de John Wayne são cenas inesquecíveis. Afinal, John Ford sabia o que fazer com uma câmara.

Os meus professores, os catequistas, os clássicos da Literatura, a Arte em suas diversas formas e os livros de História a que tive acesso nunca se referiam ao verdadeiro genocídio perpetrado pelos colonizadores europeus nas Américas.

A minha perplexidade em relação às atrocidades cometidas pelos conquistadores que, em um século, acabaram com 90% das populações indígenas é recente. E a consciência de que a destruição das culturas locais e a imposição do cristianismo foram atos de extrema violência devo-a a leituras de publicações atuais de pensadores, religiosos ou leigos, católicos.

Assim, compreendo por que os índios que sobreviveram ao recente massacre dos Yanomami tenham,

após a longa caminhada pela selva amazônica, chegado até a missão de Xidá não só para relatar o ataque de que foram vítimas homens, mulheres e crianças da maluca Homoxi-Itu, como também para pedir abrigo, proteção.

Na verdade, a presença da Igreja junto às populações indígenas manifesta-se, depois do Concílio Vaticano II, de uma forma rigorosamente humana, e a coragem de certos bispos, padres, religiosos, missionários e leigos lembra-nos Bartolomé das Las Casas, grande defensor dos índios, que, em pleno século XVI, condenava qualquer forma de "guerra justa" e clamava por justiça.

Hoje, quando a Igreja faia em nova evangelização, propõe um diálogo entre as culturas, não vê os povos indígenas como infíeis, pagãos ou gentios a conquistar para o seu orbe.

Em 1972, foi criado o Conselho Indigenista Missionário (Cimi), organismo ligado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que cumpre a difícil missão de defender os povos indígenas em todo o território brasileiro. Em seu mais recente Informe, "Cronologia do Genocídio Yanomami", declara que "O genocídio dos Yanomami teve início na década de 1970, quando as primeiras invasões de garimpeiros foram registradas no território indígena. Desde então, cerca de 2 mil índios foram mortos. Esse genocídio somente ocorreu porque o Governo brasileiro permitiu..." E o bispo da diocese de Roraima, dom Aldo Mongiano, no seu pronunciamento, "O Massacre e o Genocídio dos Yanomami", faz uma análise dos últimos acontecimentos, demonstrando uma capacidade de análise incomum ao mencionar as características e causas do crime. Manifesta, claramente, o seu repúdio ao massacre e exige providências em relação à apuração dos fatos e à punição dos responsáveis. É, de um modo totalmente coerente com a atuação da Igreja do Brasil junto aos oprimidos, termina dom Aldo o seu pronunciamento: "A riqueza de um país são as pessoas, as diferentes culturas que nele vivem. É preciso, acima de tudo, defender a vida".

■ Edite Faial é secretária-geral da Comissão Justiça e Paz de Brasília